

**Entre contos e benzeções: aspectos epistemológicos e formas de resistência[[1]](#footnote-1)**

Marivaldo Aparecido de Carvalho[[2]](#footnote-2)

Rosana Passos Cambraia[[3]](#footnote-3)

**GT 01:** Transformações nos modos de vida, violência e formas de resistência no meio rural brasileiro.

**RESUMO**

As reflexões aqui elaboradas são frutos de pesquisa junto ao PPGSaSA (Programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente da UFVJM) e ao PPGER (Programa de Estudos Rurais da UFVJM). Temos como meta neste trabalho teórico vincular epistemologicamente a prática de benzeção, o uso de plantas medicinais, durante as benzeções, e os contos tradicionais. As benzedeiras e benzedores, sempre alertam para a necessidade da mudança de atitude do/a paciente, o mesmo é chamado a atenção para que haja fé para ocorrer a cura, em uma atitude de equilíbrio por parte do doente. Neste contexto, os contos, de sua forma, também transmitem ensinamentos que guiam e organizam o modo de vida da comunidade. Os dados aqui analisados são oriundos de pesquisas em comunidades rurais do norte, nordeste e sul de Minas Gerais. A vitalidade cultural dos contos e das benzeções possibilita analisar e pensar os processos de mudança sociais e suas resistências.

Palavras-chave: Benzedeiras/dores, Contos tradicionais, Costume, Plantas Medicinais, Resistência.

**INTRODUÇÃO**

Compreendemos que o processo de cura é antes de tudo um processo social, cultural e educativo e que as maneiras de curar perpassam as várias esferas do viver, e se relacionam com as condições sócio-ambientais e estas condições são pensadas como indissociáveis, principalmente em comunidades rurais. O mesmo se dá com a contação de contos tradicionais, que se vinculam socialmente e culturalmente como as formas de educar de comunidades, que possuem na fala uma forma valorativa de criar acordos, transmitir conselhos e conhecimentos. Para as culturas tradicionais e populares este vínculo se alicerça nos preceitos religiosos que conduzem a uma formulação ética na relação com o outro: seja este humano ou não humano. Esta formulação ética se traduz no conceito de fé, que por sua vez se alicerça numa práxis social onde o viver humano não cria dicotomias radicais com o não humano. Nas benzeções os/as benzedeiras e benzedores, sempre alertam para a necessidade da mudança de atitude do/a paciente, da mesma forma é chamada a atenção de que é necessário ter fé para ocorrer a cura. Os contos, de sua forma, também transmitem ensinamentos que guiam e organizam o modo de vida da comunidade e muitas vezes se vinculam de forma direta com as benzeções e o uso de plantas, além de terem uma função terapêutica que se dá no momento da narração dos contos. Os dados aqui analisados são oriundos de pesquisas diversas em comunidades rurais no norte, nordeste e sul de Minas Gerais. A vitalidade cultural dos contos e das benzeções em comunidades rurais tradicionais possibilita que os processos de mudança sociais e de suas resistências sejam analisados e pensados.

**DESENVOLVIMENTO**

Em seu livro “O grande massacre dos gatos” Darnton (2011) demonstra que os contos refletem uma vida dura, fome, doenças e a desigualdade sentida pela comunidade em sua lida pela vida. Os contos, segundo Darnton, são sinalizadores catalisadores de uma situação social, não são elementos de fuga mas instrumentos educativos e discursivos sobre a situação da vida que se vive.

As famílias dos camponeses não podiam sobreviver, no Antigo Regime, a menos que todos trabalhassem, e trabalhassem juntos, como uma unidade econômica. Os contos populares mostram, constantemente, pais trabalhando nos campos, enquanto os filhos recolhem madeira, guardam as ovelhas, pegam água, tecem lã, ou mendigam. Longe de condenarem a exploração do trabalho infantil, ficam indignados quando não ocorre. (DARNTON, 2011, p.54)

Neste sentido os contos representam experiências sobre o viver os seus desafios, experiência que precisa ser repassada para as novas gerações. Este momento que o conto assume o papel de retraduzir o real vivido numa linguagem que contempla o lúdico, que contempla os momentos mais íntimos de uma família ou grupos social, é o momento que a comunidade reflete de forma “teórica”, ou seja, através de elaborações de ideias que são apresentadas de forma metafórica nas narrações em torno do fogo em rodas de conversa, nas cabanas dos camponeses, durante as noites de inverno, “as histórias pertencem sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses foram acumulando através dos séculos, com perdas notavelmente pequenas.” (IDEM, p.32). As histórias são boas para pensar assim como as benzeções, que além de curar são formas de pensar.

Ao lermos Poel (2018) compreendemos que as maneiras de manifestar um saber são também uma maneira de manifestar formas de resistência cultural ou uma afirmação cultural valorativa de um modo de vida. Poel (conhecido como Frei Chico), demonstra que a cultura popular também realiza suas críticas sobre o conhecimento dominante, compreendendo o saber popular/tradicional como fundamental para a formação de comunidades rurais tradicionais, assim como comunidades pobres de origem urbana que buscam nestes saberes formas comunitárias de resistência e manutenção de suas vidas, que envolvem construções sociais e culturais de aspectos materiais e espirituais.

Saber e experiência se vinculam neste sentido os relatos de contos e as formas de cura tradicionais trazem a tona um acúmulo de saberes que é confirmado pela comunidade, ou seja, aceito como saberes que reforçam os o modo de vida da comunidade, um patrimônio.

Em nossas pesquisas de campo observamos que certos contos, mesmo que muito antigos, ainda buscam manifestar uma memória de vida que serviu de modelo para seus moradores/as. Como demonstra a narração de uma moradora de Aiuruoca, no sul de Minas Gerais, falecida, sobre a “mãe de ouro”.

*“A minha mãe contava que a ‘Mandiouro’ brincava com uma menina, né. A pobre da menina era muda. Só enxergava né, mas era muda.*

*Aí falavam que entrava bastante gente, aí o povo, não entende essa parte da menina ser muda, brincar com dor, né. Aí eles mandavam levar toalha, bacia, uma vela, pra poder, às vezes, segurar, a Mandiouro, né. A Mandiouro tava vendo que ela ( menina) tava ficando ativa, aí a Mandiouro num brincou mais com ela não.*

*Cê acredita que outro dia, acho que a Mandiouro atravessou aqui? Travessou foi na hora que havia festa. Nós tava na missa, quando chegou pra baixo do colégio foi aquele negócio assim na frente. Avião num era porque num tava fazendo barulho de avião, sabe? Num tava fazendo barulho de avião não. Mas tava aquela tocha de fogo assim, que acendia e apagava. Diz que a Mandioro, diz que é uma minina bem branquinha, né? Que é uma minina bem branquinha. Diz que é uma minina assim bunita, de cabelo comprido. Que é muito bunita.”*

No meio da narração a moradora pede licença para verificar sua galinha:

*“Eu vou lá pegar minha galinha. Tinha uma galinha fechada lá. Eu venho cá contar procê. Eu vou lá ver a galinha primeiro, viu? Eu já venho. Ela tá cumendo ovo. Ela tá botando e comendo. Então tem que se olhar na hora. Vim lá e ficá vindo. Ficá vindo.”*

Como demonstra o exemplo acima citado, em meio a narração observamos a narradora preocupada com seu ovo, alimento, e com a criação de sua galinha. E o próprio conto relata a expressão: “brincar com dor” e que a criança era muda, ou seja, formas de sofrimento. Neste sentido, quando ouvimos essa narração não entramos num mundo distante do vivido pela narradora, ela conta que viu a “Mandiouro” e disse que não era avião, de certa maneira ela narra o que pode ver, ou sentir como algo vivido.

Outro narrador morador de Itamarandiba (MG) nos narra um conto que para ele é real.

*“Olha, história que eu nunca esqueci, é uma história que meu pai sempre contava. É uma história que a avó dele morava sozinha, e diz ele que nessa casa lá, apareceu um negócio lá. Eles falam que é o capeta, né? Aí eles falam que é o capeta batizado, e tudo. E a pobre da mulher vivia aborrecida demais com a tentação que ela fazia. Que era ir dando a tarde e começava subir pro telhado e jogar coisa dentro de casa, e fazia a maior bagunça dentro da casa. E elas rezava, e quando começava a rezar ele ajudava. E aquela tentação, e aquela tentação... Aí ela gostava muito de pescar e ela tinha um canivete que ela tinha o maior ciúme do tal canivete. Aí ele era banhado a ouro assim, por fora. Mas muito lindo o danado do canivete! E era o canivete dela cortar as iscas pra por no anzol. Aí ela pegava, e sempre tinha um pau na casa assim, só que o pau tinha um ôco, e ela colocava o canivete lá. Mas um dia o canivete escapoliu e bateu lá. E ela entristeceu! Além da tentação de todo dia daquele bicho, aí ela perde o canivete. Aí que ela ficou mais triste! Aí um dia ele pegou atentando, atentando e atentando. Aí ela pegou e sentiu tal coisa, que pegou e falou assim: ‘- do tempo que você tá pegando e me atentando aqui, porque que ocê num pega meu canivete que caiu naquele coisa alí?”. Aí ela só viu ele enfiando aquele mãozão assim óh, e catou o canivete e entregou pra ela. Aí ela pegou o canivete e a tentação continuou do mesmo jeito. Aí por fim, foi um padre lá e eles contaram o que tava acontecendo, aí o padre pegou e falou: é, tem que benzer com água benta, né? Aí pegou e jogou água benta nos quatro cantos da casa, aí diz que nesse dia, depois que o padre saiu, esse troço deu um estouro lá e desapareceu. Aí acabou o sofrimento da tentação do bicho. Meu pai sempre contava isso aí e eu ficava escutando. E a gente guarda, né? Dá medo na gente também.*

Este conto também relata as condições de vida, a situação sofrida e envolve diretamente um instrumento de trabalho (canivete) e uma atividade que visa o alimento, a pesca. Acreditamos que estes contos aqui apresentados demonstram um modelo educativo e uma maneira de se pensar a vida e suas circunstâncias.

Os dados de nossas pesquisas também demonstram que as formas de cura pela benzeção e uso de plantas também envolvem processos cognitivos, de experiências que representam o conjunto de feitos e saberes, que sempre serviram como outras formas de cura para uma população que sempre foi afastada e mantida afastada dos processos de cura preconizados pelo mundo urbano e pelas políticas públicas. Assim as benzeções além de representarem tradições são formas de manutenção da vida de grupos fragilizados socialmente, mas que produziram formas próprias de cura que são formas de resistência, e se manter vivo é a primeira forma de resistência.

As orações são formas de narrações que buscam a cura. Seguindo um preceito ético que aprendemos com os antigos não vou transcrever orações, a de haver um momento correto para se aprender a orar para curar. Todo recurso, seja material (plantas medicinais) ou imaterial (orações), não pode se traduzir numa ideia de propriedade ou de acúmulo, mas quem sabe ter o que cuidar; uma das maneiras de cuidar é não profanar e manter a reciprocidade, ou seja, a troca. A cura e os contos são trocas sociais e culturais que visam a manutenção da vida coletiva do grupo. Neste sentido é muito importante a informação de que na coleta de plantas medicinais em épocas mais antigas evitava-se coletar mais do que precisava, pois é necessário manter o equilíbrio entre a ação humana e a natureza aqui representadas pelas plantas, e isso se refere a uma ordem clara, ou seja, se várias pessoas precisam de plantas e orações, seria uma indicação de falta de fé, de falta de reciprocidade e de respeito para com os outros moradores e moradoras, ao não ter acesso a estes recursos por uma ideia de propriedade privada.

Esta preocupação com o que é bom para a comunidade presente, desde que não prejudique ou inviabilize a comunidade futura, é justamente o que a humanidade de hoje precisa urgente e im- preterivelmente — recuperar. A preocupação com o futuro se revela em muitos campos da tradição popular por uma atitude verdadeiramente religiosa de respeito à natureza (respeito este muitas vezes mal compreendido pelas pessoas intelectualizadas, rotulado como "superstição"). Numa pesquisa realizada no Noroeste de Minas Gerais (11:93) constatou-se, por exemplo, que os informantes (um casal de benzedores/curadores de plantas) "não estocam vegetais, por mais longe que estes se achem (e às vezes sucede encontrarem-se os mesmos a um dia de distância); em vez disso, só os recolhem quando é preciso, na quantidade necessária destacando a parte da planta a ser usada, e, na medida do possível, evitando a morte do exemplar. (CARVALHO et al., 1982, p.54)

**CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)**

Demonstramos neste trabalho a relação entre práticas populares de cura e de contação de história e as bases epistemológicas que se assemelham ao "pensamento mítico". Principalmente no que se refere a uma ética de não acumulação. Evidenciamos em nossa exposição o encontro entre benzimento e uso de plantas medicinais como formas de pensar.

Os dados levantados são oriundos de pesquisa de campo participativa de cunho etnográfico em comunidades rurais. Partimos de uma concepção marxista do trabalho, embasada na obra de Godelier (2001) (estruturalismo econômico) e também na análise, apoiada nas reflexões de Lévi-Strauss (1989), sobre a capacidade simbólica das sociedades humanas em sua relação com a natureza. Assim como nas reflexões de Silvia de Carvalho (1982) sobre a qualidade do pensamento tradicional como um pensamento domesticado para não acumular.

A cura é um processo conjunto entre benzedor/a e paciente, e quando necessário a planta, porém a cura vem de Deus.

A relação com a planta por parte dos/as benzedores/as que as utilizam é de respeito e gratidão, pois ela é expressão do divino (criador).

A benzedura e o uso de plantas são instrumentos epistemológicos pois envolvem o saber usar e como pensar este uso.

Para alguns benzedores/as não se pode acumular plantas, só o necessário para uso.

Tanto no mato quanto no quintal, as plantas são coletadas segundo a necessidade. Dificilmente são armazenadas, guardadas. Somente quando há uma sobra de alguma raiz ou casca. Quanto às sementes, estas são guardadas com mais frequência certamente por sua sazonalidade e facilidade de armazenar. Uma entrevistada mostrou um frasco de sementes de cardo-santo (*Cnicus benedictus L.*) que aprendeu a guardar e a preparar com sua mãe... (GUTIERREZ, 2015, p.50)

Este dado é importante pois demonstra a ideia de não acumular, mesmo o armazenamento de sementes não significa uma ideia de acúmulo, mas forma de uso da planta que se dá pela sua semente, a conservação de sementes é uma prática muito antiga da humanidade que não fere o processo de reprodução da planta, pois se coleta o necessário para o uso. Essa prática no nosso entender marca a vida das comunidades rurais.

Hoje em dia, com a chegada de moradores/as de fora da região e que fazem uso de plantas medicinais e trabalham com plantas medicinais, levou algumas espécies a "sumir" do meio ambiente local devido ao uso desordenado em busca de lucro. Podemos citar como exemplo a planta medicinal de nome popular "pedestre" que diminuiu drasticamente na região de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), o que indica um uso desequilibrado.

O processo de cura é um processo educativo para a maioria dos povos tradicionais, pois localiza o ser humano no fluxo da vida, e não como centro da vida. Nos parece ser este o ensinamento fundamental destas práticas de cura. Assim a fé não seria apenas uma potência do indivíduo, mas sim sua obrigação/responsabilidade, como uma maneira de acalmar seu ego, assim como o ego do agente/mediador da cura. Esta característica se vincula em uma perspectiva epistemológica que envolve as práticas e saberes dos/as benzedores/ras com o "pensamento mítico".

Nos contos também aparece a fé e mesmo um processo de cura, pois os conselhos dados pelos contos buscam evitar comportamentos que prejudicam a pessoa e o grupo social, agindo como verdadeira medicina preventiva. A fé durante as narrações dos contos é muito importante, narradoras tradicionais realizam seus contos e contação após as 19:00 horas, horário em que a lida do dia chega ao seu fim e aproxima a alimentação da noite, mas antes de iniciar a contação, reza-se um Pai Nosso e acende-se um fogo, seja em forma de fogueira ou de velas.

No que se refere ao benzimento e uso de plantas medicinais existe, segundo nossos dados de campo, a indicação de funções da mulher e do homem em relação às plantas. As plantas que são cultivadas em quintais são respeitadas mas podem ser usadas sem muito controle de salvaguarda de espécie, pois são cultivadas pelo benzedor e pela benzedeira, podendo ser coletadas por mulheres. Mas outras plantas da mata e da floresta são coletadas, principalmente, por homens, seguindo alguns preceitos éticos como a observação da lua e a quantidade cortada, assim como orações indicando a finalidade de uso. Pois esta coleta muitas vezes é pensada como “caçar”:

As plantas do mato são coletadas **principalmente pelos homens**, mas as mulheres também coletavam e demonstravam conhecer bem as plantas. Como a maioria das pessoas entrevistadas são idosas, sua queixa maior quanto à coleta é o fato de não conseguir, não aguentar mais ir até a mata coletar as plantas. Filhos e netos que moram nas proximidades que conhecem e se interessam, fazem a coleta quando necessário:

*- Agora é que eu não estou sentindo bem porque eu não estou podendo ir nas matas* ***caçar os remédio****. Não estou sentindo bem as pernas, não está tudo boa. Não pode subir morro a perna, não pode subir morro, como é que faz? Agora é preciso eu mandar ir buscar. Ensinar qual é, falar qual é, para não buscar raiz brava. Para vir tudo mansa (entrevistada Losna)* (GUTIERREZ, 2015, p.43) (Grifo nosso).

Compreendemos que essa divisão entre funções realizadas por mulheres e homens de comunidades rurais da região do Mucuri (MG) em coletas de plantas indicam uma moral de não acumulação que se traduz pela fé e respeito, além das condições reais da coleta por parte das participantes da entrevista, que devido a idade evitam buscar plantas nas matas mas orientam os homens na coleta correta. Como ocorre por exemplo na observação da lua:

Existem alguns critérios para a coleta de raízes que nem todas as pessoas entrevistadas seguiam, mas duas pessoas mencionaram a lua como fator determinante.

Não, na lua nova não, eles tiram mais é na minguante. Falam: “ah, agora eu não vou poder procurar não que a lua nem está boa da gente procurar remédio” - **eles fala é assim**. (Sálvia) (Grifo nosso)

O cuidado das raízes é sobre a lua. Meu pai falava e eu passei a acompanhar muito, aprendi com ele que a lua, você tem que tirar a raiz é na lua minguante pra ela não fazer mal. (...). Na lua forte, a raiz fica brava, não pode tirar com a lua forte, não. Nem na nova, nem na crescente e nem na cheia, só na minguante. Eu não tiro pra mim nem pra ninguém. (Macaé) (Grifo nosso) (GUTIERREZ, 2015, p.44)

A descrição da função das fases da lua, que marca a vida rural tradicional, em relação a raiz é exemplo de um conhecimento que controla o tempo da coleta das raízes, não se pode coletar em qualquer momento, é preciso um tempo para que a planta “vire remédio”, então o respeito pelo tempo, dado pela lua, em relação a planta, é fundamental para a funcionalidade terapêutica da planta, assim como controle de coleta.

A autora que citamos enfatiza que só duas pessoas entrevistadas se referiram a influência da lua na coleta das plantas, compreendemos que esta informação indica que o conhecimento pleno e mais complexo do uso de plantas começa a se fragilizar na comunidade pesquisada, ou seja, a cadeia de transmissão de conhecimento sobre as plantas deve ter sido interrompida, por algum fator social e cultural, por isso que cada vez mais, em comunidades tradicionais, se tem a presença de especialistas, de mestres que guardam e resistem na manutenção desse conhecimento, mas que muitas vezes não tem para quem transmitir.

Os contos também buscam indicar essa moral primeva da não acumulação, pois a fome e a falta de saúde não indicam que estes elementos faltam, mas sim que eles estão concentrados como bens privados nas mãos de poucos. Os contos representam as condições da vida que se vive, ou indica a necessidade de seguir certos valores éticos para que no dia de hoje, e no dia do amanhã, não faltem alimentos, terras, trabalho e conhecimento para as futuras gerações.

Para finalizar fazemos uma citação que, apesar de seu tempo de escrita, permanece valiosa e corrobora com a perspectiva aqui aventada de um saber tradicional primevo que fundamenta as práticas de cura (benzeção e plantas) e os contos como instrumentos educativos.

O interesse da Antropologia numa pesquisa como esta não se limita aos efeitos práticos de uma reavaliação das plantas medicinais. Estes efeitos só poderão beneficiar realmente a população, e não as multinacionais, quando a medicina se tornar socializada, quando houver um apoio muito grande a pesquisas nacionais alimentando uma indústria farmacêutica sem fins lucrativos, voltada para o atendimento do povo e para a divulgação de todas as informações, constituindo-se realmente numa medicina preventiva. O interesse em aspectos específicos das práticas populares reside em que essas práticas podem nos fornecer lições preciosas, uma vez que — sendo elas quase tão velhas quanto a humanidade — seus elementos essenciais se formaram no decorrer do longo período em que todos os povos da terra constituíam comunidades simples. Nessas comunidades já pelo fato de não se encontrar nem a propriedade individual do solo, nem a preocupação do enriquecimento individual ou da herança de bens materiais, a realização do indivíduo era canalizada prioritariamente para a solução dos grandes problemas referentes à continuidade da espécie, à garantia de sobrevivência das gerações futuras através de técnicas longamente testadas. (CARVALHO et al., 1982, p.53-54)

**REFERÊNCIAS**

CARVALHO, S. M. S.; DELGADO SOBRINHO, A. T.; RAVAGNANI, O. M. **Transmissão e cura da arte de benzer e curar com plantas**. Perspectivas, São Paulo, v. 5, p.53-72, 1982.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa.** São Paulo: Editora Graal, 2011.

GODELIER, M. O enigma do dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUTIERREZ, D. F. **Plantas medicinais, cultura e saúde nos quintais rurais do Vale do Mucuri.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente - PPGSaSA/UFVJM. 2015. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/1057>

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 7. ed. Campinas: Papirus**,** 1989.

POEL, F.V.D Com Deus me deito e com Deus me levanto. São Paulo: Paulus, 2018.

1. Agradecimentos: FAPEMIG, PPGSaSA, PPGER, PRPPG/UFVJM, DCB/FCBS. Profa. Silvia M.S de Carvalho [↑](#footnote-ref-1)
2. Instituição UFVJM.marivaldo.aparecido@ufvjm.edu.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. Instituição UFVJM. rosa.cambraia@ufvjm.edu.br [↑](#footnote-ref-3)